



## **A GEOGRAFICIDADE DO CIBERESPAÇO: O FACEBOOK COMO RELEVÂNCIA CULTURAL NA JUVENTUDE DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO**

PACHECO, Wedson Felipe Cabral

*Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ*

*E-mail: wfelipecp@yahoo.com.br*

297

### **RESUMO**

Este trabalho se desenvolve no âmbito das reflexões acerca da juventude contemporânea que vem utilizando em sua maioria o Facebook como rede social digital, uma interação que vêm crescendo e conquistando mais adeptos, pois se mostrou um importante meio de difundir ideias e objetivos comuns, além de permitir melhor comunicação e conectividade entre pessoas através do mundo. Para a realização dessa pesquisa busca-se compreender o ciberespaço que é considerado um produto material da sociedade atual, sendo consequência da produção e reprodução social, e que deve ser analisado pela ciência geográfica. Neste trabalho demonstra-se a dimensão social e simbólica do estudo em questão, através do conceito de identidade que foi reforçado pela utilização da redes social digital, criando um espaço de comunicação da juventude brasileira. Conclui-se que o Facebook fortalece o sentimento de pertencimento a um determinado grupo e divulgação de seus valores.

**Palavras-chave:** Facebook. Juventude. Sociedade da Informação.

### **ABSTRACT**

This study develops the context of reflections on the contemporary youth that comes mostly using Facebook as a digital social network, an interaction that has been growing and gaining more fans, because it showed an important means of disseminating ideas and common goals, and enable better communication and connectivity among people across the world. To carry out this research seeks to understand the cyberspace that is considered a material product of today's society, being a consequence of social production and reproduction, and that should be analyzed by geographical science. This paper demonstrates the social and symbolic dimension of the study in question, through the concept of identity that was reinforced by the use of social networks, creating a space for communication of Brazilian youth. We conclude that Facebook strengthens the feeling of belonging to a particular group and disclosure of your values.

**Key-words:** Facebook. Youth. The Information Society.

### **INTRODUÇÃO**

A *internet* é a maior via de acesso ao ciberespaço, isto é, a rede mundial de computadores que se constitui como uma das redes informacionais. É um veículo de comunicação em que à informação, muitas das vezes, fortalece várias empresas, amizades e organização em grupos.



O estágio que atravessa a sociedade atualmente é de grandes transformações, sob diversos aspectos, abrangendo desde as tentativas homogeneizantes na busca de estabelecer uma cultura global, até uma expressiva e crescente contraposição que oscila da reafirmação cultural às identidades multiculturais, a qual acentua diferenças nas relações sociais. Nesse contexto contemporâneo em que estamos o que se pode analisar e observar é que se vive uma constante presentificação, uma simultaneidade de acontecimentos jamais vivida até então na história da humanidade. (SILVA, 2007)

Através de uma reflexão mais atenta, é possível demonstrar que também o espaço virtual, tal como o espaço geográfico, sofre constantes mudanças e dinâmicas provocadas pelas ações do homem.

Na era da informação existe uma importância das redes financeiras, tecnológicas, educacionais e mais recentemente, sociais. As redes de contatos são cada vez mais numerosas, assumindo características diferenciadas, sejam elas, pessoais, profissionais, mais ou menos informais, mas todas elas estão mais presentes no nosso cotidiano.

Em diferentes setores da sociedade, as redes sociais estão cada vez mais presentes. Nas comunicações, nos modelos de negócio, nos produtos, nos serviços e nos relacionamentos. As tendências tecnológicas, sociais e culturais renovam-se; ditadas pelas modas, pelos hábitos, pela importância e pelo lugar que cada um quer ocupar no espaço virtual.

Se a evolução da sociedade dita às tendências ao nível dos fatores determinantes nas opções de cada um (a segurança, o conforto etc.), também a mesma evolução determina uma alteração das tendências tecnológicas. Da maior capacidade de armazenamento, rapidez de processamento passa-se agora para uma maior presença nas redes sociais.

A questão central que se coloca nessa pesquisa é entender como o ciberespaço, este novo espaço sociotecnológico através da rede social digital Facebook, influencia na sociabilidade da juventude contemporânea.

O presente trabalho é desenvolvido na compreensão de que a Geografia é um campo de conhecimento associado às ciências sociais. A metodologia utilizada é focal e interpretativa com um método etnográfico, realizado com base em perguntas através do Facebook a usuários, partindo disso, foram feitas interpretações e análises geográficas.

O estudo do ciberespaço torna-se fundamental nos dias atuais, já que é parte integrante da sociedade, sendo assim, é uma realidade que a geografia deve buscar compreender, enquanto outra forma de materialização dos avanços sociais. E mesmo que alguns geógrafos vejam com



receio essa nova configuração espacial, é necessário pensar um novo ramo, a Cibergeografia ou Geografia da Informação, já que o ciberespaço se coloca como uma organização territorial. Portanto, a intenção é contribuir para esta temática que é pouco trabalhada no ramo geográfico.

Com isso, tem-se como objetivo geral contribuir com a Geografia através da investigação e na compreensão do ciberespaço como categoria de análise espacial, levando em consideração a juventude que pertence à sociedade da informação, em que o espaço virtual das redes sociais colabora com o espaço real frequentado.

Os objetivos específicos dessa pesquisa estão em interpretar por meio da Geografia Cultural, os conceitos de cibergeografia, identidade e ciberespaço, na tentativa de permitir uma análise espacial e social. A bibliografia sobre esse assunto não é tão volumosa, pois para a Geografia ela é recente. Existe uma relevância social e cultural da discussão sobre o ciberespaço, porque é a atualidade vivenciada nesse momento de velocidade das informações. As redes sociais vêm ganhando o seu espaço nas vidas das pessoas, principalmente da juventude contemporânea.

Para essa pesquisa foram utilizadas obras clássicas e imprescindíveis, além de dissertações que contribuíram para a atualização do tema. Salienta-se que a literatura utilizada para desenvolver essa pesquisa é recente, sendo inovadora no meio acadêmico.

A revisão bibliográfica dessa pesquisa gira em torno de pensamentos de distintos autores que produzem o conhecimento a partir do destaque do ciberespaço e das redes sociais.

Sobre o ciberespaço a pesquisa gira em torno da seguinte pergunta:

O espaço virtual que é o *Facebook* fortalece os espaços reais vivenciados pela juventude contemporânea?

## **1 A GEOGRAFIA E A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO**

A cibergeografia ou o estudo do ciberespaço, segundo o olhar da geografia, constitui um esforço recente que vem se expandindo e se consolidando rapidamente, impulsionado principalmente pela necessidade de se estabelecer as bases conceituais que expliquem e elucidem como essa estrutura de redes, através também da internet, afeta e é influenciada pela dinâmica territorial produzidas com o crescimento de atividades eletrônicas. (PIRES, 2010)



Os avanços tecnológicos contemporâneos diante da sociedade da informação remetem a formas diferentes de pensar o espaço e as relações sociais, e é neste sentido que emerge o ciberespaço.

Pode-se exemplificar a evolução da sociedade brasileira até chegar os dias atuais. No Brasil, o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional são fases do seu meio geográfico. (SANTOS, 2001, p.27)

No meio natural (pré-técnico) marcado pelos tempos lentos da natureza, a presença humana buscava adaptar-se aos sistemas naturais e havia uma escassez dos instrumentos artificiais para seu domínio. No meio técnico buscava-se atenuar o império da natureza, onde os usos das máquinas dão uma nova dimensão à geografia, na incorporação de máquinas no território brasileiro com destaque para a concentração destas para a Região Sudeste. O meio técnico-científico-informacional é aquele que se inicia após a Segunda Guerra Mundial, intensificando-se no Brasil a partir da década de 1970 por uma revolução nas telecomunicações e diferencia-se dos outros períodos, pela interação da ciência e da técnica. (SANTOS, 2001)

A partir de então, na atualidade os importantes avanços tecnológicos nas áreas de informática e telecomunicações constituem um dos suportes das novas redes informacionais. Assim sendo, emergem formas de relações sociais e, um campo de desenvolvimento da sociabilidade cultural que expressam através de objetos com forte conteúdo técnico-científico-informacional.

Conforme Silva (2002, p.64) é importante salientar que:

Ao pensar neste início de milênio, as relações que se estabelecem entre geografia e o avanço das novas tecnologias de informação é possível fazer um estudo das novas relações de sociabilidade na virtualidade do ciberespaço e os seus reflexos na base material da sociedade.

A posse da informação, bem como a capacidade de produzir, distribuir e consumir tornou-se elementos importantes na sociedade atual. Desde a década de 70 as tecnologias de comunicação e computação, que em conjunto são denominadas tecnologias da informação, vem ocupando espaço na sociedade, compondo sua base tecnológica, onde a infraestrutura primordial é a Internet. Para Castells (2001) “a Internet é a plataforma tecnológica que caracteriza a Era da Informação”.

A sociedade contemporânea passa por transformações devido à velocidade dos avanços tecnológicos em informática e telecomunicações, surgindo um novo modo de organização social, econômica e cultural, possibilitando um novo ambiente de interação onde o “espaço



natural” não é o único meio de locomoção do homem e sua constante presentificação no *online*, uma simultaneidade de acontecimentos jamais vivida na história humana, como salienta Dutra (2000) “[...] os computadores dobram sua capacidade a cada dezoito meses, enquanto os automóveis levaram quase sessenta anos para atingir a 100 km/h”.

Porém as tecnologias por si próprias não revolucionam a sociedade, mas servem como um meio catalisador propiciando condições para que ocorram mudanças de várias ordens, seja política, econômica, social, ética, dentre outras, as sociedades determinam a forma como as tecnologias serão utilizadas, e tais tecnologias acabam alterando a própria sociedade que as geraram.

Partindo desta perspectiva dialética e analisando as principais mudanças ocorridas até o momento em nossa contemporaneidade, pode-se afirmar que estamos diante de uma fase de transição de uma sociedade industrial para a sociedade pós-industrial. Esta opera através de redes de informação e cooperação digital em nível mundial<sup>1</sup>, tendo no ciberespaço e na cibercultura as principais ferramentas deste processo, e estes acabam por originar novas formas de relações sociais.

A discussão proposta se constitui em um desafio, haja vista as peculiaridades e a atualidade da problemática, pois os instrumentos teóricos atuais ainda não oferecem condições de uma análise completa deste fenômeno.

Sob a óptica da Geografia Cultural, a cibersociedade é uma das práticas mais inovadoras. Fruto da sociedade contemporânea e de todas as suas transformações, essa sociabilidade se concretiza através das tecnologias digitais, tendo a *internet* como uma instância de relações sociais. A personalização, a interatividade, a simultaneidade, a velocidade, o armazenamento e a recuperação de informações são algumas das características desta grande rede: a *internet*.

Segundo (CLAVAL *apud* MENDONÇA, F.; KOZEL. S., 2002) “a perspectiva cultural insiste em primeiro lugar nas diferenças qualitativas entre modos de transmissão”. Para Paul Claval, o principal objetivo da abordagem cultural nas ciências geográficas é entender a experiência dos homens no meio social, além de incorporar os significados e compreender tais estudos no meio e relacionar o nosso conhecimento e as nossas vidas. Claval lista as principais mudanças de ordem epistemológica e teórica da Geografia Cultural, sendo mudanças significativas na base da epistemologia científica. A base epistemológica pode ser entendida

<sup>1</sup> Esta definição foi utilizada pelo MCT, Ministério da Ciência e Tecnologia, 1997.



como o alicerce do conhecimento filosófico, que engloba uma reflexão geral da natureza e os limites do conhecimento. A epistemologia enfoca sua análise entre o sujeito e o objeto, apresentando os postulados e as conclusões dos métodos científicos, traçando seu caminho científico, sua história e evolução. O mesmo autor aborda que os novos rumos das relações sociais podem e devem ser tratados dentro da abordagem cultural. (MARTINS, 2010)

A cultura, segundo os geógrafos Wagner e Mikesell (MARTINS, 2010), representa as atividades de entendimento de um grupo, considerada também um conjunto de símbolos usados nessas atividades de comunicação e entendimentos. O entendimento entre as pessoas do grupo acontece pela similaridade dos pensamentos, pelas simbologias usadas e ações atribuídas a valores e qualidades. Podemos afirmar que a cultura é internamente produzida em uma base geográfica, sendo que a base geográfica também é algo de reconhecimento cultural, e por sua vez um resultado da própria produção cultural.

Em outras palavras, o conceito de cultura oferece um meio para classificar os seres humanos em grupos bem definidos, de acordo com características comuns variáveis, e também um meio para classificar áreas de acordo com as características dos grupos humanos que as ocupam. (WAGNER; MIKESSELL, 2003, p.28 apud MARTINS, 2010)

Como exemplo atual, as intensas relações sociais entram num contexto de diferenças culturais devido às tecnologias da informação levando a sociedade a comunicar-se também pelo ciberespaço.

## **2 POR UMA GEOGRAFIA DA JUVENTUDE: IDENTIDADE E RELAÇÕES SOCIAIS NO ESPAÇO VIRTUAL**

As novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e as diversas manifestações de práticas juvenis desenvolvidas por meio de ferramentas na internet são atividades comuns entre a maioria dos jovens. Essa geração atual vivencia o ciberespaço como local para estabelecimento de relações sociais.

A utilização da internet para a comunicação é uma realidade notória. Quem não conhece algum amigo que tenha um perfil no *Facebook*? Essas ferramentas têm constituído o espaço virtual de comunicação entre os jovens. Diante da popularidade dessas mídias eletrônicas, acredita-se que essas manifestações culturais podem e devem ser utilizadas como instrumentos



que possam facilitar a interlocução e o diálogo entre as pessoas. A Geografia Cultural pode ter um papel fundamental de estudos das práticas da juventude contemporânea e entendê-la.

## 2.1 Juventude

Sobre a construção de uma noção de juventude na ótica da diversidade, temos que levar em conta que a juventude tem um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas. A forma como cada sociedade, e no seu interior cada grupo social, vai representar e lidar esse momento é variado. A diversidade se concretiza nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, valores, identidades religiosas), de gênero, geográfica, dentre outros aspectos. (DAYRELL, 2000)

Nessa pesquisa a categoria “juventude” não está presa a rígidos critérios, mas como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto de experiências vivenciadas pelos indivíduos no contexto social. O objetivo é enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existente.

Cabe ressaltar que as palavras adolescência e juventude têm significados diferentes, ainda que superpostos. Muitas das vezes são usados como sinônimos. As diferenças existem, portanto, não só em termos dos limites etários, mas em termos conceituais.

No Estatuto da Criança e do Adolescente, legislação federal de 1990 que estabelece direitos específicos para crianças e adolescentes, a adolescência é definida como base que vai dos 12 aos 18 anos incompletos, sendo o período posterior à infância. Já recentemente no âmbito das políticas públicas, jovem é o recorte etário de 15 a 29 anos, antes a faixa etária era de 15 a 24 anos. Há duas justificativas que prevalecem para ter ocorrido essa mudança: uma maior expectativa de vida para a população em geral e maior dificuldade dessa geração em ganhar autonomia em função das mudanças no mundo do trabalho. (IPEA, 2007)

Dos modos de vida juvenil em construção, o mundo cultural ocupa uma centralidade, mas a relação entre cultura e juventude é um tema que está sempre se atualizando.

A existência de espaços específicos de trocas e expressões culturais pelos quais os jovens afirmam uma separação de geração é muito recente. Essa é uma dimensão inovadora constatada em várias pesquisas sobre a juventude contemporânea, o aumento dos interesses e práticas coletivas juvenis, com ênfase na esfera cultural, que criam formas próprias de



sociabilidade, de práticas coletivas e interesses comuns, principalmente em torno das redes sociais do ciberespaço.

De acordo com Pais (2000, p. 23) “as culturas juvenis referem-se a modos de vida específicos e práticas cotidianas dos jovens, que expressam certos significados e valores (...)” Nessa perspectiva não devemos falar de uma cultura juvenil homogênea. A juventude expressa um conjunto de símbolos específicos, um conjunto de significados compartilhados que expressam o pertencimento a um determinado grupo, uma linguagem com seus específicos usos, particulares eventos e festas, por meio da qual a vida adquire um sentido. O processo de construção das culturas juvenis tem de ser entendido no contexto da origem social e das condições concretas de vida nas quais os jovens estão sendo socializados.

O mundo cultural aparece como espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais nas quais os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Nessas práticas, criam novas formas de mobilizar os recursos culturais da sociedade atual. A geografia analisa os jovens assumindo papéis de protagonistas em que atuam de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre eles próprios e sobre o mundo que os acerca. Isto é, no contexto da diversidade existente, a condição juvenil é vivenciada por meio da mediação simbólica em que expressam em diferentes eixos culturais.

Nessa pesquisa geográfica sobre a juventude remete em falar sobre identidade e sobre as perguntas que acercam a mentalidade e o seguimento a fazer dos indivíduos.

## **2.2 Entendendo a questão da identidade e suas abordagens**

No campo acadêmico das ciências sociais, não possui apenas um conceito de identidade. Explicando, assim como as próprias identidades, seu conceito também sofre, conforme mudanças sociais e culturais ao decorrer do tempo. Autores como Stuart Hall (2000/2001), Manuel Castells (2001) e Anthony Giddens (2002), cada um com suas peculiaridades, debatem em suas obras questões de identidade e apresentam suas próprias conceituações acerca do termo.

Segundo Hall (2001), a sociedade atual é marcada pela transformação constante, rápida e permanente, sendo este o ponto principal que a diferencia da chamada sociedade tradicional. Na sociedade tradicional, símbolos e tradições são formas de ancoragem no momento em que representam à continuidade do passado, perpetuações de gerações e seus respectivos costumes.





Essa preservação das práticas sociais vividas por antepassados, de certa forma garantia ao indivíduo identidades estáveis, dando-lhes um sentimento de segurança e unidade. Hoje na sociedade contemporânea, a situação é oposta; não há uma estabilidade, as preocupações em perpetuar práticas sociais anteriores tornam-se menos importante. O indivíduo da sociedade contemporânea está num constante diálogo com os mundos culturais e suas identidades.

De acordo com Giddens (2002), as práticas culturais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando assim seu caráter.

Hall (2000) aborda que o conceito de identidade não deve ser deixado de lado, mas que se trabalhe com ele a partir de contextualizações. O referido autor, ao problematizar a identidade no contexto da pós-modernidade, destaca também o seu caráter relacional, já que a identidade não pode ser apresentada sem a diferença, sem o que lhe é exterior. Desta forma, podemos pensar a identidade e a diferença como construções que não são fixas, nem estáveis, ou seja, como produções culturais e sociais que fazem parte de sistemas e práticas de significação, nas quais adquirem sentido. O indivíduo pode ocupar diversas posições de sujeito.

Ocorrem mudanças nas vidas das pessoas, proporcionando assim, as condições de possibilidades para percebermos as múltiplas formas de ser e viver da juventude na atualidade. A expansão da cultura e a sua influência no dia-a-dia, assim como em esferas mais amplas, extrapolam fronteiras e passa a atuar na própria constituição da identidade.

As conexões entre identidade e cultura nos abrem algumas possibilidades para pensarmos e olharmos para as práticas culturais enquanto ações que colocam em movimento múltiplas possibilidades de identificação.

Hoje em dia a cada momento existe uma escolha a se fazer, uma identidade a se assumir. Cada vez mais enfraquecem as referências e tradições, e em meio à grande quantidade de informações e culturas diferentes com as quais tomamos contatos dia-a-dia através dos meios de comunicação. É possível escolher quais identidades desejamos assumir, qual o estilo de vida se deseja seguir, viver ou experimentar. E mesmo dentro dessa multiplicidade e constantes transformações, ainda existe o desejo de valorização de certas identidades como busca de uma definição e delimitação destas, uma forma de constituir uma identidade principal ou central. O indivíduo deve delimitar e escolher o seu lugar no mundo ao meio de tantas novas identidades.

No contexto da vida social contemporânea dos jovens caracterizada pela reordenação do tempo e do espaço observa-se um deslocamento das relações sociais de seus lugares



específicos, não modificando essas relações por completo, mas recombinao-as através de novos espaços – por exemplo, as comunicações feitas através do *Facebook* e os bate papos na *internet*.

De acordo com Castells (2001) devemos estar atentos para a diferença entre os conceitos de identidade e que os sociólogos têm denominado papéis. Estes últimos seriam os papéis que assumimos durante a vida, definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade – por exemplo, ser estudante, vizinho, jogador de futebol e freqüentador de uma igreja, ao mesmo tempo. Esses papéis têm importância relativa, conforme o próprio indivíduo as enxerga e valoriza ou não, e a influência destes no seu comportamento depende das negociações e trocas feitas entre os indivíduos e suas respectivas instituições sociais. Papéis organizam funções, enquanto identidades organizam significados. Essas identidades são constituídas por meio de processos de individualização e são fontes mais importantes de significados do que os papéis, justamente por envolverem mecanismos de autoconhecimento e autoconstrução.

Na verdade, toda e qualquer identidade é construída. As questões maiores não estão centradas apenas no conceito de o que são identidades, mas a partir do que e de que forma é feita essa construção. O que leva a escolha do indivíduo por uma identidade ou outra?

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço. (CASTELLS, 2001, p. 23)

Sobre o assunto não se deve esquecer que a construção da identidade pessoal se faz dentro de um determinado contexto social, e este contexto é determinante para orientar as representações e escolhas, pois cada local e época possuem seus próprios padrões, tendências e visões que determinam à posição dos agentes.

As identidades assumidas atualmente não são as mesmas de três décadas atrás, apesar de algumas semelhanças. A questão identitária é algo pessoal e depende sempre da bagagem cultural e social que cada indivíduo carrega.

Portanto, deve-se atentar ao fato de que o indivíduo não é capaz de moldar a identidade que deseja. A identidade não é um fator isolado, e sim resultante de uma combinação de fatores



e depende não apenas do indivíduo em si, mas também dos atores com os quais tem contato e com o contexto do qual faz parte.

Identidade é sempre algo em construção, uma produção que nunca se completa, que está sempre sendo reformulada. O importante na pesquisa e estudo das identidades é reconhecer seu caráter de algo inacabado, não é centrada em encontrar um conceito, mas questionar por que e de que formas são produzidas, em que contexto, em quais condições, em que momento são ressaltadas.

A identidade é instrumentalizada nas relações sociais. Para isso, o indivíduo se utiliza de manobras usando seus recursos de identidade de forma estratégica de acordo com a situação e a necessidade. É o caso que vem acontecendo com os jovens do século XXI na utilização das redes sociais do ciberespaço. A juventude busca o que realmente lhe agrada no espaço virtual.

Segundo Giddens (2002), escolhas são questões existenciais que todos temos:

Num universo social pós-tradicional, organizado reflexivamente, permeado por sistemas abstratos, e no qual o re-ordenamento de tempo e do espaço re-alinha o local com o global, o eu sofre mudança maciça. (...) A modernidade confronta o indivíduo com uma complexa variedade de escolhas e ao mesmo tempo oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser selecionadas. (GIDDENS, 2002, p.79)

Giddens (2002) em seu pensamento aborda que estilos de vida são termos próprios da sociedade contemporânea, pois são frutos das escolhas feitas pelo indivíduo, das práticas adotadas por ele ao longo da vida, e não necessariamente imposições. Adota-se um jeito de falar, de agir, que acabam por formar um jeito próprio de ser do indivíduo. O autor enfatiza que a setorização dos estilos de vida, devido aos vários segmentos faz parte do cotidiano de cada um, dos vários ambientes que frequentam e das várias atividades que realiza.

A *internet* tem seu papel fundamental nessa construção no momento que veicula estilos de vida, fazendo com que um grande número de pessoas tenha acesso a situações sociais.

Para buscar um entendimento de certos estilos de vida, neste caso, estilos com os quais os jovens se identificam e apropriam, deve-se primeiramente levar em consideração o local em que tais indivíduos estão inseridos. Ou seja, ter consciência de que a forma como o jovem constrói um estilo e atribui a estes significados está estreitamente relacionada com a realidade cotidiana do lugar onde vive e o ambiente em que frequenta. E também sua maneira de expressar sua identidade dependerá dos palcos de atuação que lhe são disponibilizados.



Os ambientes virtuais abrem portas a novas experiências identitárias. Ao entrarmos num mundo virtual, no qual as nossas características físicas e pessoais não são diretamente visíveis e evidentes para os outros, encontramos uma forma de comunicar, que implica intrinsecamente novas formas de ser, de mostrar, ou de negociar as identidades em jogo. As redes sociais imprimem cada vez mais uma importância significativa na construção da identidade, principalmente nos jovens. Numa era cada vez mais tecnológica, o contato físico entre os indivíduos deixou de ser uma preocupação, estando à distância de um "clique".

No Brasil as redes sociais vêm ganhando grande força em seu cenário e a maioria dos jovens se expressa no cotidiano pelas ferramentas dadas nesse espaço virtual tendo o *Facebook* como exemplo.

### **2.3 O *Facebook* no universo da internet**

Compreender a rede social *Facebook* como um ambiente virtual, enriquece na medida em que é preciso reorganizar no contexto digital, certas situações sociais presentes no espaço físico, como as relações de pertencimento de um dado grupo, trocas de conteúdos pessoais a exemplo, entre outras situações de sociabilização, que é muito utilizada pelos jovens. Essa rede social proporciona ao usuário mecanismos de interação, participação e colaboração entre os mesmos.

Sobre o histórico chamado de *The Facebook* originalmente, foi projetada em 2004 pelo americano Mark Zuckerberg na Universidade de Harvard. O principal foco do sistema, no período em que foi criado, era proporcionar um canal de integração entre veteranos e calouros da Universidade de Harvard; esse momento é considerado de grande transição para um jovem universitário que sai da escola e vai para a universidade, o que nos Estados Unidos, quase sempre representa uma mudança de cidade e um espectro novo de relações sociais (RECUERO, 2009, p.172).

Somente podiam fazer parte do sistema inicialmente, os interatores que possuíam um endereço de email *harvard.edu*, caracterizando o usuário como membro da instituição. Essa percepção por parte dos usuários proporcionou ao sistema um status de rede privada, mais confiável e segura, na qual os dados do perfil do participante não estariam tão expostos na internet.



Segundo o site da empresa o passo a seguir foi aceitar cadastros de outras instituições de ensino desde que os usuários possuíssem endereços eletrônicos das mesmas. Então, a partir de 2005, o *Facebook* abre o sistema para a criação de perfis de diversas instituições profissionais e também do público em geral. Ao permitir o cadastro de novos membros sem a necessidade de convites ou de pertencimento a uma organização, previamente cadastrada no sistema o *Facebook* procurou ainda manter certa privacidade, permitindo a visualização do perfil por completo de outro usuário somente por aqueles pertencentes ao mesmo gráfico social.

Uma das inovações do *Facebook* é a plataforma de desenvolvimento de aplicativos para indivíduos externos ao sistema. Estes aplicativos permitem expandir as funcionalidades do sistema criando novos serviços. Através destes, os membros podem customizar ainda mais seus perfis, conforme suas preferências pessoais.

Essa plataforma amplia as possibilidades de participação e, conseqüentemente, o envolvimento dos membros da rede, expandindo o que o *Facebook* denomina de “gráfico social”, representado na figura 1.

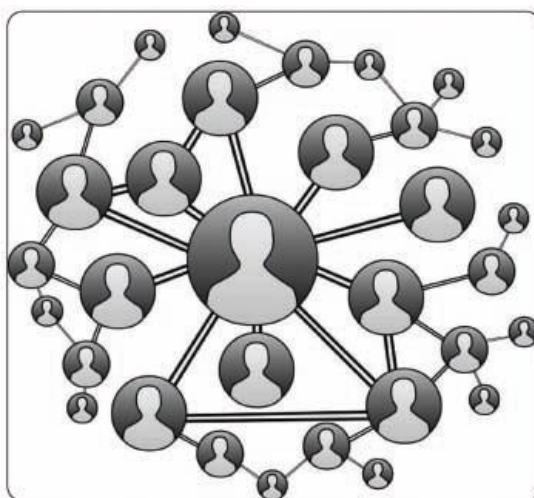


Figura 1: Gráfico social do *Facebook*  
Fonte: GOLDMAN, 2009, p.3

O termo “gráfico social” descreve e delimita as redes sociais dentro do sistema. O gráfico social representa todas as conexões sociais que constroem a rede de determinado usuário do sistema. Cada usuário pode apresentar um gráfico particular que, como no exemplo dado pela figura 1, aparece no centro da figura e, conectado diretamente a ele, estão outros usuários, integrantes da rede e representados graficamente em tamanho menor. Os usuários que



pertencem à rede de seus colegas diretos aparecem em tamanho reduzido, para formalizar e estabelecer conexões de segundo nível de pertencimento.

### **2.3.1 O Facebook, a rede social do momento**

Para se tornar membro do *Facebook*, o usuário da internet de maneira bastante rápida, preenche o formulário na interface principal do site ([www.facebook.com](http://www.facebook.com)). Em uma primeira etapa (após o cadastro de dados básicos), o sistema apresenta um assistente de configuração que auxilia os novos usuários a executarem quatro principais tarefas, divididas em quatro etapas: adicionar amigos, localizar amigos, informações do Perfil e a escolha da primeira foto do perfil pessoal. Na primeira etapa, “adicionar amigos”, o assistente apresenta com base em seu cadastro inicial, outros usuários do sistema que o novo usuário possa conhecer, e assim, adicioná-los à sua lista de amigos. Na segunda etapa, “localizar amigos”, onde o usuário fornece seu endereço de e-mail e senha, o sistema passa a procurar endereços que estão cadastrados no *Facebook*, mas que também fazem parte das relações do usuário. Na terceira etapa, “Informações do perfil”, o usuário pode informar onde nasceu, onde mora, onde estudou etc., para estabelecer automaticamente relações do novo perfil com outros usuários já cadastrados no sistema. E o último passo permite o usuário enviar uma foto para o perfil inicial.

As quatro etapas não são obrigatórias e poderão ser preenchidas ou reeditadas a qualquer momento. Após esse procedimento, o novo usuário estará apto a explorar o sistema e suas potencialidades sociais e participativas.

Ao efetuar o *login* o usuário é imediatamente direcionado para a página de “*Feed de Notícias*” onde pode acompanhar o perfil de seus amigos conectados, sendo possível acompanhar o dia-a-dia dos membros da rede. A juventude vem utilizando muito o *Facebook* pelos retornos de socialização, facilidade de encontrar amigos, trocas de mensagens diretas e restritas, publicações de vídeos, fotos sobre determinados assuntos, convidar membros da rede para determinados eventos.

Estas ferramentas presentes no sistema permitem ao usuário, principalmente os jovens, identificar no meio digital os elementos com os quais se deparam no meio físico, tendo relações do seu convívio social na internet. Além disso, permite expandir essas relações através do contexto dinâmico com diversos membros dos diversos gráficos sociais interconectados.



Segundo Recuero (2009), a internet através de suas ferramentas, é responsável por mediar à comunicação, a expressão, a interação e sociabilização entre as pessoas, o que caracteriza e constitui uma rede social, como aborda a autora:

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (RECUERO, 2009, p.25)

Através desses relatos, podemos informar que cada usuário cria conexões a partir de seu perfil e estabelece laços sociais que se constituem a partir da interação entre as conexões existentes. Os jovens do Brasil já abraçaram o *Orkut* no passado, abraça o *Facebook* atualmente, fazendo parte do seu cotidiano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente os analistas sociais, geógrafos têm se voltado, sobretudo para a análise das novas práticas sociais que estão emergindo em setores específicos do mundo das telecomunicações e da informática. A Internet (*Web*), por exemplo, atrai cada vez mais a atenção de pesquisadores como um novo espaço social no qual são gestadas novas formas de comunicação, de pensamento e de convivência, esse novo meio propicia, sobretudo novas formas de sociabilidade. O ciberespaço, nesse sentido então, parece ser o espaço em que todos querem se mostrar presentes, expressão opiniões, manifestar seus gostos, preferências e suas subjetividades. O indivíduo supostamente isolado pela técnica cede lugar ao indivíduo ansioso por manifestar sua individualidade e estabelecer novas relações sociais pelos meios digitais, produzindo significações.

Com a Internet, os processos de construção identitárias vêm ganhando uma nova forma. Ao disponibilizar um lugar no ciberespaço, a rede possibilita a um número maior de pessoas a oportunidade de se relatar, garante maior liberdade de mostrar ou construir a própria identidade.

## REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 1ªed. Campinas: Papyrus, 2004.



ÁVILA, Pe. Fernando Bastos. *Pequena enciclopédia de moral e civismo*. 2. ed.. Brasília: Fename, 1975.

BUTTIMER. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: PERSPECTIVAS DA GEOGRAFIA. Antônio Carlos Christofolletti (Org.). São Paulo: [S.E.], 1985.

BLOG ESTADÃO. *Facebook ultrapassa Orkut em usuários*. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/rodrigo-martins/2011/09/04/facebook-ultrapassa-orkut-em-usuarios-e-acaba-com-reinado-de-7-anos-no-br/>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

CARLOS, A F. A. *O Lugar no/do Mundo*. São Paulo. Hucitec: 1996.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. *O poder da identidade*. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CLAVAL, P. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In: MENDONÇA, Francisco & KOZEL, Salette. (Orgs). *Elementos de epistemologia da geografia contemporânea*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002, p. 11-41.

CNBB. *Evangelização da Juventude: Desafios e perspectivas pastorais*. Estudos CNBB.93. São Paulo: Paulus, 2006.

DAYRELL, Juarez. Juventude e escola. In: SPOSITO, Marília. *Estado do conhecimento: juventude*. Brasília: INEP, 2000.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. In: DURKHEIM - Os pensadores. São Paulo: Abril cultural, 1978.

DUTRA, Cláudio Emelson Guimarães. *Interdisciplinariedade: a construção de novos valores sociais na pós-modernidade*. Cadernos de Educação Especial. Santa Maria, RS: UFSM, n.16, 2000. p. 33-41.

FACEBOOK. Site oficial. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

FERNBACK, Jan e THOMPSON, Brad. *Virtual communities: Abort, retry, failure?* Manuscrito eletrônico: <<http://www.Well.com/user/hlr/texts/Vccivil.html>>. 1995.

G1. *Facebook ultrapassa usuários únicos no Brasil*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/09/facebook-ultrapassa-orkut-em-usuarios-unicos-no-brasil-diz-ibope.html>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. 2.ed. São Paulo: UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.





GOLDMAN, Jay. *Facebook cookbook: Building Applications to Grow Your Facebook Empire*. Sebastopol: O'Reilly Media, Inc., 2009.

GRABAR, O. O Sentido do sagrado. *O Correio da Unesco*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 10, p. 27-31, out. 1988.

HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e Diferença – A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves, São Paulo: Loyola, 1993.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Educação, Juventude, Raça/ Cor*. Volume 4. PNAD, 2007.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. In: Kant - Os pensadores. São Paulo: Abrilcultural, 1978.

LÈVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

\_\_\_\_\_. *O que é virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo. Vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro. Record, 2001.

MARTINS, Rafael Lacerda. *Geografia Humana e Econômica*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2010.

ORKUT. Disponível em: <<http://www.orkut.com/MembersAll.aspx>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993. Petrópolis: Vozes, 2000.

PIRES, Hindemburgo F. *O conceito de cibergeografia*. CIBERGEO, 2010. Disponível em: <[http://www.cibergeo.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=49&Itemid=27](http://www.cibergeo.org/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=27)>. Acesso em: 10 out. 2011.

REID, Elizabeth M. *Eletrotropolis: Communication and community on Internet Relay Chat*. Manuscrito eletrônico: <<http://www.ee.um.oz.au/papers/emr/eletropolis.txt>>. 1991.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RELPH, E. C. *As Bases Fenomenológicas da Geografia*. *Geografia*, 4 (7): 1-25, 1979.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Cultura e política no mundo contemporâneo: paisagens e*



*passagens*. Brasília, DF: UNB, 2000.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida; SILVEIRA, Maria Laura (Org.) *Território: Globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. Milton. *Metamorfose do Espaço Habitado*. São Paulo, 1988.

\_\_\_\_\_. *Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. *Espaço e método*. 4ª ed. São Paulo: Nobel, 1997.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Gustavo Siqueira da. *Locale Digital: (Re) construindo no ciberespaço as identidades territoriais da migração brasileira*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFSM, RS, 2007.

SILVA, Michele Tancman C. da. *A (Ciber) Geografia das cidades digitais*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2002.

SOCORRO, Santuário Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Site oficial. Disponível em: <[www.santuarioperpetuosocorro.org.br](http://www.santuarioperpetuosocorro.org.br)>. Acesso: 10 nov. 2011.

SOJA, Edward W. *Geografias Pós-Modernas: A reafirmação do espaço na teoria social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

TUAN, Yi-Fu. 1975. Place: an experiential perspective. *Geographical Review*, 65 (2): 151-165.  
\_\_\_\_\_. *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência*. Tradução Livia de Oliveira, São Paulo: Difel/Difusão Editorial SP, 1983.

TURKLE, Sherry. Fronteiras do real e do virtual. Entrevista concedida a Federico Casalegno, Pesquisador do Centro de Estudos do Atual e do Quotidiano (CEAQ/ Sorbonne - Paris V) e associado ao Núcleo de Tecnologias do Imaginário (NTI- FAMECOS/PUCRS), Revista FAMECOS, Porto Alegre, n.11, p.117-123. dez. 1999. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/11/sherry.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

WOODWARD, Kathrin. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.